

o horror de uma guerra

A história de *Guernica*, painel de Picasso que passou de pintura de protesto à obra-prima e imagem pop



O painel *Guernica*, de Pablo Picasso

TEXTO carlos costa

FOTOS luana fischer

Em 2011, o mural *Guernica* (1937), de Pablo Picasso (1881-1973), completa 30 anos de chegada à Espanha. Pintado na França, para servir de contrapropaganda ao avanço da revolução liderada por Francisco Franco, o quadro levou 20 anos viajando por 21 cidades na Europa, nos Estados Unidos e no Brasil (esteve na 2ª Bienal de São Paulo, em 1953), até que, em 1958, os conservadores do Museum of Modern Art (MoMA), de Nova York, então seus guardiões oficiais, aconselharam o fim das itinerâncias.

Teve início a negociação para a ida do quadro à Espanha. Franco, cujo regime ditatorial já era reconhecido pela ONU, aceitou. Mas Picasso determinou que a entrega se desse apenas “quando o país restabelecesse as liberdades políticas”. Em 1973, Picasso morreu; em 1975, Franco. Em 1978, o Congresso dos Estados Unidos iniciou o processo de envio do quadro para a Espanha, que levou três anos. Em Madri, passou a ser exposto no Casón del Buen Retiro. Em 1992, foi levado para o Museo Reina Sofía, onde é a principal peça da coleção permanente, capa das principais publicações e estampa para camisas, bolsas, postais e toda sorte de suvenires.

Guernica é um símbolo da cultura contemporânea. Suas viagens iniciais, quando as exposições ocorreram para protestar contra os totalitarismos europeus, e a espera para chegar a uma Espanha

livre do franquismo são apenas algumas dentre as muitas histórias e simbologias relacionadas ao óleo sobre tela de 3,5 x 7,8 metros, preto e branco, em estilo cubista, que retrata pessoas e animais dilacerados, em desespero.

A leitura mais óbvia da obra aponta para a mensagem pacifista – o repúdio ao bombardeio contra a população civil de Guernica e à revolução de Franco. O quadro é também exemplo de que, mesmo engajada, a produção artística pode encontrar a expressão do sentimento e alcançar o status de obra-prima.

Como observa o professor de história da arte da USP Francisco Alambert, “*Guernica* e Picasso são como a famosa foto de Che Guevara: elementos de uma cultura pop que esvazia as imagens de seu conteúdo por cultuá-las como símbolos não do que elas dizem, mas da própria sociedade que as consome como mercadorias”.

O BOMBARDEIO

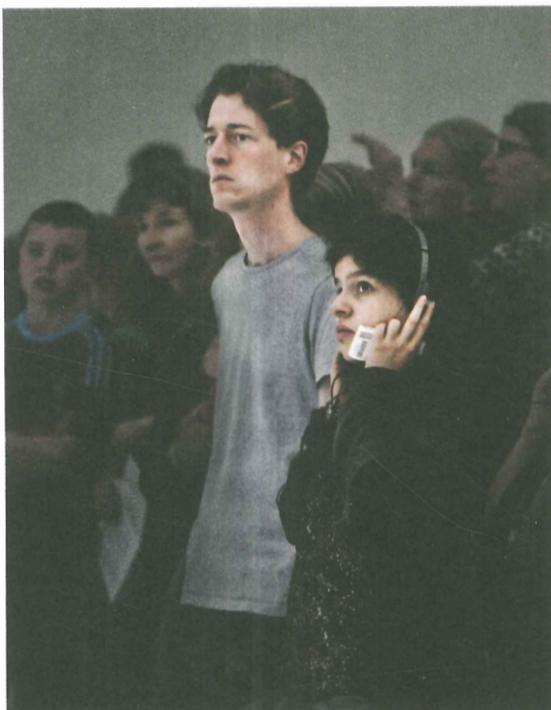
A história de *Guernica* começa com a ascensão de Franco. A revolta que ele comandava culminou na Guerra Civil Espanhola (1936-1938) e na sua vitória diante do governo legal democrático (a República Espanhola), dando início a um período de ditadura fascista que se estendeu até 1975 e deixou profundas marcas – mais de 400 mil mortos, estagnação econômica, privação da

liberdade civil e a tentativa violenta de dissolver a cultura das diferentes nações que compunham a Espanha: Catalunha, País Basco e Galícia.

Franco era galego. Picasso nasceu na Andaluzia e foi educado na Catalunha. Guernica é uma cidade de importância histórica para os bascos. É lá onde está a *Árvore de Guernica*, um carvalho que, desde o século XIV, simboliza a liberdade e a soberania do povo basco. A árvore atual é a quarta descendente do primeiro carvalho documentado.

Os relatos contam que o contato entre os representantes da República Espanhola e Picasso começou no início de 1937, com a encomenda de uma obra para ser exposta no Pavilhão Espanhol da *Exposição Internacional das Artes e das Técnicas na Vida Moderna*, que ocorreria no mesmo ano, em Paris. Picasso demorou alguns meses para começar o trabalho e decidiu pelo tema do bombardeio dias depois que ele ocorreu.

O bombardeio de Guernica foi efetuado em 26 de abril por aviões da força aérea alemã. Durou três horas, em dia e horário de feira. Deixou cerca de 1.600 mortos, centenas de feridos e a cidade parcialmente destruída. A *Árvore de Guernica* não foi atingida. Franco não assumiu o ato, porém a mídia internacional o noticiou em fotos preto e branco e Picasso o escolheu para tema do painel, pintado em dois meses.



GUERNICA É UM SÍMBOLO DA CULTURA CONTEMPORÂNEA. NO MUSEO REINA SOFÍA, É A PRINCIPAL PEÇA DA COLEÇÃO PERMANENTE, CAPA DAS PRINCIPAIS PUBLICAÇÕES E ESTAMPA PARA CAMISAS, BOLSAS, POSTAIS E TODA SORTE DE SUVENIRES.



Estrela da coleção, a tela é objeto de culto dos milhares de visitantes do museu

GUERNICA EM GERNIKA?

Lucina Arriola, 86 anos, Andone Bidaguren, 84, e Luis Iriondo, 88, são alguns dos sobreviventes do bombardeio que moram atualmente na cidade de Guernica (em basco, escreve-se Gernika). Os três participam do Centro de Investigação pela Paz Gernika Gogoratuz (Recordando Guernica), criado há 24 anos, e acreditam que o painel de Picasso deveria estar em Guernica, alimentando uma antiga polêmica sobre o local ideal para a obra. A administração do Reina Sofía descarta a possibilidade com o argumento de que o quadro não pode ser retirado do museu em razão de seu “delicado estado de conservação”.

A diretora do centro, Maria Oianguren, discorda de ambos. Segundo ela, o quadro deveria recomençar uma itinerância, agora por locais onde ocorrem conflitos armados. Como a Síria e a Líbia. “*Guernica* é uma de muitas. Falamos do que ocorreu aqui para falar de todos os locais bombardeados. Recordamos para construir a paz.”

Numa das ruas principais da pequena cidade existe um painel de azulejos que reproduz a pintura de Picasso. Cópias do quadro são também encontradas em bares, casas comerciais e residências, e os moradores, geralmente, têm histórias para contar sobre a primeira vez que o viram.

UMA CASA SIMPLES

No quadro não há referência concreta à cidade, e a linguagem pictórica empregada, o cubismo com influência surrealista, torna o retrato atemporal, universal. O cenário indefinido sugere uma casa simples, com janela, porta, mesa e lâmpada.

Em Guernica está o Museo de la Paz, onde uma instalação reproduz uma casa simples como a da pintura, na qual o visitante é submetido a uma imersão na experiência do bombardeio por meio de efeitos de sons e luzes.

Do quadro *Guernica* críticos destacam o protagonismo dado às vítimas anônimas e inocentes, presente também na série de gravuras *Los Desastres de la Guerra*, que Francisco de Goya (1746-1828) realizou entre 1810 e 1815 sobre as Guerras Napoleônicas na Península Ibérica.

NO MUSEO REINA SOFÍA

O painel *Guernica* está exposto no segundo andar do Edifício Sabatini, prédio neoclássico do antigo hospital geral do século XVIII que compõe, com outro edifício contemporâneo, o Museo Reina Sofía. Em 2010, o museu recebeu mais de 2,3 milhões de visitantes.

A sala onde o quadro é exposto possui três

entradas e está, geralmente, lotada. Ladeado por dois seguranças, ele não tem moldura. O movimento do público faz com que o alarme de segurança soe constantemente, porque as pessoas se aproximam demais do painel.

Na mesma sala estão expostas as fotografias de Dora Maar (1909-1997) sobre a execução da pintura. Nas salas próximas o visitante vê outras obras que estavam no Pavilhão Espanhol, uma maquete do edifício, filmes, fotografias, trabalhos de Picasso do mesmo período, os estudos para o *Guernica* e mais esculturas e quadros sobre a Guerra Civil.

Dora Maar era fotógrafa e foi uma das amantes de Picasso. No ano da pintura do mural, o artista era casado com Olga Khokhlova (1891-1954) e tinha uma filha de 2 anos, Maya, com Marie-Thérèse Walter (1909-1977). Há críticos que associam a confusão que a imagem passa, entre outros fatores, à vida sentimental do autor. □

☞ Museo Reina Sofía - www.museoreinasofia.es
Gernika Gogoratuz - www.gernikagogoratuz.org
Museo de la Paz de Gernika - www.museodelapaz.org